

A HISTÓRIA DOS BRETÕES (C. 800) DE NENNIUS E SUA RELEVÂNCIA PARA A CONSTRUÇÃO DO MITO DO REI ARTUR

Adriana Zierer

A *Historia Brittonum* faz parte de um conjunto de fontes latinas sobre os bretões do período da Alta Idade Média. Antes dela foram escritas *The Excidio et Conquestu Britanniae* (540) e *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (731), de Beda. A principal importância da nossa obra é a de ser a primeira a apresentar a figura do mítico Artur, visto no relato como um guerreiro invencível. A existência de Artur não é atestada pela historiografia. Se viveu, teria sido um chefe bretão vencedor de doze batalhas contra os saxões no século VI, conforme nos apresenta Nennius.

Como o mito arturiano surgiu primeiro entre os bretões, seria interessante situar historicamente essa população, cuja origem eram os celtas. Esses povos habitavam diversas áreas da Europa Ocidental desde a Pré-História. Mais tarde foram dominados por outros inimigos, prevalecendo principalmente nas Ilhas Britânicas. Viviam em tribos rivais entre si, sendo comandados por um chefe ou rei. Acreditavam na existência do Outro Mundo, a terra dos deuses, em que podiam entrar constantemente no mundo dos vivos, como no conto galês *Pwill, Príncipe de Dyved*, no qual um deus e um mortal trocam de lugar por um período de um ano (MABINOGION, 2000, p. 23-51).

A partir do século II a.C., os romanos dominaram a Gália, que foi romanizada, perdendo seus elementos célticos, o que não aconteceu com a Bretanha, cujo sudeste os romanos invadiram no ano 43 a.C. Porém, a estrutura hierárquica e a cultura céltica permaneceram intocadas. (MARKALE, 1994,

p. 152-156). Os romanos construíram o muro de Adriano para impedir que outros povos (como os pictos, habitantes da atual Escócia, e os escotos, os irlandeses) atacassem a Bretanha. A Irlanda e o País de Gales não sofreram o seu domínio, o que se tornou fundamental para que se conservassem os elementos da cultura céltica, que foram transmitidos oralmente por toda a Idade Média.

Com a queda do Império Romano no século V, os bretões passaram a ser atacados pelos antigos inimigos e por outros povos que vinham do Mar do Norte, os saxões, frísios e jutos, mais conhecidos pelo termo genérico de saxões, os quais conseguiram tomar definitivamente a Bretanha no século VI. É daí que surge a lenda arturiana, pois a existência de Artur não é comprovada pelas fontes. Artur surge, assim, como um mito de resistência ligado a um desejo de unificação que nunca existiu na Bretanha após a sua dominação pelos saxões. De acordo com a lenda, um dia ele voltaria para unir todos os bretões contra os invasores. Pelo que sabemos através de Nennius, Artur teria sido um *dux bellorum* (comandante militar) que venceu várias batalhas contra os inimigos, sendo a mais importante a Batalha do Monte Badon, datada por uma outra fonte, os *Annale Cambriae* (século X), como tendo ocorrido no ano 516 (BRUNEL, 1997, p. 101).

Após a vitória saxã, alguns bretões se dirigiram para as regiões montanhosas do norte e oeste (Escócia, País de Gales e Cornualha), outros morreram ou fundiram-se com os recém-chegados, e outros, ainda, emigraram para o norte da França, para a Pequena Bretanha (Armórica) (ABRAMSON, 1978, p. 177)

Os saxões fixaram-se no sul, os jutos, no sudeste, em Kent e também na ilha de Wight, e os anglos, no centro. Toda a terra submetida recebeu o nome de Terra dos Anglos ou Inglaterra, e seus habitantes, de anglo-saxões. A partir do século IX, com as invasões vikings houve a união dos reinos dos anglos por um único rei. Mais tarde, em 1066, a Grã-Bretanha foi conquistada pelos normandos na batalha de Hastings. Esses, logo a seguir, afirmaram ser descendentes do rei Artur na obra *Historia Regum Britanniae* (*História dos Reis da Bretanha*), de Geoffrey de Monmouth, escrita entre 1135 e 1138, a qual apresenta Artur como um rei cristão invencível, como explicaremos mais adiante.

A OBRA DE NENNIUS

A *História dos Bretões* é atribuída a Nennius, um clérigo bretão. No entanto, a obra não foi escrita por um único copista, e sim por vários, e por isso é anônima. Embora tenha sido redigida por volta do ano 800, houve interpolações no manuscrito original até o século XIII. Nota-se uma orientação religiosa no relato. Em primeiro lugar, seguindo a preocupação cronística do período medieval, a narrativa se inicia com a genealogia bíblica, começando com Adão, procurando sempre relacioná-la com a contagem do número de anos passados, numa tentativa comum da época de controlar o tempo e associá-lo à temporalidade cristã da salvação (GUREVITCH, 1990, p. 88). Depois, os bretões também são relacionados a um antepassado da Antigüidade Clássica, o troiano Bruto, que lhes teria dado origem. Por fim chegamos à sua história propriamente dita.

Outra preocupação de fundo religioso é a conversão ao cristianismo, que ocupa um papel central na narrativa. É interessante observar em todas as obras latinas até o século XI que a justificativa cristã para a derrota dos bretões seriam os pecados desse povo (SÉCHELLES, 1957, p. 185). Nesse sentido, a culpa recairia principalmente sobre o soberano mítico bretão do período, Vortigern (monarca lendário entre 425 e 450), palavra que significa rei tirano (FARAL, 1929, p. 96), o qual teria feito um acordo com os saxões para que defendessem a ilha dos outros invasores. Estes, ao contrário, traíram o soberano e dominaram o território.

Vortigern comete uma série de delitos: apaixonou-se pela filha do pagão Hengist, líder dos saxões, e casa-se com ela. Mais tarde, como a coroar suas atitudes condenáveis aos olhos do clero, pratica um erro ainda mais grave, cometendo o incesto e casando-se pela segunda vez, agora com sua própria filha, com quem gera um herdeiro. Esses elementos parecem justificar a posterior dominação dos bretões pelos saxões. O mau exemplo dado pelo soberano teria arrastado toda a população ao paganismo, na visão dos copistas do relato.

É curioso notar que os personagens referentes à realeza bretã são todos inventados (FARAL, 1929, p. 95), enquanto os referentes aos saxões são muitas vezes retirados de listas genealógicas cuja existência foi atestada, demonstrando o pouco conhecimento dos cronistas sobre a história bretã no período.

Em contraposição ao rei tirânico, São Germano é a figura santa que tenta, sem sucesso, levar o monarca ao bom caminho e mudar suas atitudes. O

cristianismo na Bretanha foi introduzido entre os séculos III e IV por missionários como Santo Albano e, mais tarde, pelo próprio São Germano.

São Germano (378-448) foi personagem histórico. Esteve duas vezes na Bretanha no século V, tentando extirpar o pelagianismo, uma heresia que afirmava não serem os humanos culpados pelo pecado de Adão, pecado considerado uma falta individual.

Outros personagens positivos na narrativa de Nennius são os lendários Vortimer, filho de Vortigern, que teria lutado decisivamente contra os inimigos, vindo a morrer depois, em batalha (NENNIUS, 2001), e Aurelius Ambrosius, associado por Gildas a um soberano vencedor do Monte Badon (GILDAS, 2001). Nessa obra, Ambrosius faz previsões certeiras a Vortigern, avisando que seria derrotado pelos saxões e que debaixo do solo havia duas serpentes, uma das quais representava a sua derrota. Mais tarde, na obra de Geoffroy de Monmouth, esse mesmo Aurelius seria o mago Merlin (MONMOUTH, 1995), que substitui a visão das serpentes pela dos dragões, significando igualmente o ocaso de Vortigern.

Voltemo-nos agora para a importância de Artur na obra atribuída a Nennius. O guerreiro é citado em dois capítulos. O capítulo 56 relata as doze batalhas vencidas por Artur no Monte Badon. Se ele consegue sair vencedor é, ao contrário do rei pagão Vortigern, por seu sentido de guerreiro cristão, pois, de acordo com o texto, na última batalha, na qual matou sozinho novecentos e sessenta saxões, carregava nos ombros a imagem da Virgem Maria.

No capítulo 73 é descrito o túmulo do filho de Artur, Anir, que teria sido morto pelo próprio pai. Esse capítulo do texto está na parte referente às *mirabilia* da Bretanha e também se relaciona a fontes célticas, pois menciona a marca do cão de Artur durante a caçada ao *porcus* Troynt, acontecimento que aparece num conto galês chamado *Kulhwch e Olwen*. Essa obra embora produzida no século XII, remonta ao século VII e fala da caçada de Artur (na obra céltica visto também como um rei) ao javali Twrch Twryth, uma das provas para que o seu primo Kulhwch pudesse se casar com Olwen (MABINOGION, 2000, p. 180-203).

Uma das “coisas admiráveis” é que o túmulo de Anir, o filho de Artur, nunca tinha uma dimensão exata, mudando de tamanho cada vez que era medido, acontecimento maravilhoso que acaba por se relacionar com o próprio Artur.

A APROXIMAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA DOS BRETÕES E A HISTÓRIA DOS REIS DA BRETANHA E O USO POLÍTICO DO MITO ARTURIANO

A obra de Nennius foi apropriada mais tarde no século XII pela dinastia anglo-normanda, que havia dominado a Inglaterra em 1066. Se para Nennius Artur foi um guerreiro, melhor sentido ainda soube dar a ele Geoffroy de Monmouth, que trabalhava por encomenda dos novos dominadores. Assumindo os elementos apresentados na *História dos Bretões*, Artur é ainda invencível, só que não é mais um simples *dux bellorum*; sob a pena de Geoffroy ele se torna um rei cristão invencível, conquistador de trinta reinos e até do próprio Império Romano, que lhe exigia tributos. Além disso, Artur age como um rei cruzado contra os pagãos que tentavam dominar a ilha — os saxões, escotos e pictos.

O objetivo da *Historia Regum Britanniae* é a exaltação dos bretões, procurando fazer uma história genealógica para legitimar os grandes senhores normandos e, logo depois, a dinastia dos Plantagenetas (MONMOUTH, 1995, p. 15-16). O texto fora uma encomenda da corte de Henrique I (1100-1135), avô de Henrique II e então rei da Inglaterra. A obra é dedicada ao conde Roberto I, filho ilegítimo de Henrique I (MONMOUTH, 1995, p.26), tendo sido concluída após a sua morte, já no governo de Estevão de Blois (1135-1153).

Geoffroy usa livremente suas fontes (Gildas e Nennius, principalmente) sem se preocupar em ser fiel ou respeitar o conteúdo das mesmas. O texto pretendia valorizar o glorioso passado dos bretões, identificando-os aos normandos, os quais se apresentavam como continuadores da linhagem bretã através de seu mais nobre representante, Artur.

Existe uma clara relação entre Artur e Rolando, o herói da canção de gesta francesa. Os anglo-angevinos pretendiam dar uma resposta literária ao rei da França, apresentando um herói guerreiro à altura de *A Canção de Rolando* (canção de gesta composta no século XI, que se referia a um fato real da Alta Idade Média, a morte de Rolando, sobrinho de Carlos Magno, na Batalha de Roncesvales contra os muçulmanos). O personagem central da narrativa é ligado à figura de Carlos Magno e conseqüentemente à dinastia capetíngia (DUBY, 1982, p. 313-317). Nessa narrativa épica, o monarca francês é apresentado como o único capaz de impedir os infiéis de dominarem a Europa.

No momento em que o poder régio começa a se fortalecer na França, os reis da Inglaterra eram ao mesmo tempo vassalos do rei francês e passam a apresentar um personagem tão cativante quanto o guerreiro Rolando, para fazerem frente ao seu suserano. Artur é apresentado também como um guerreiro cristão perfeito e, além de tudo, um monarca, associado na narrativa à linhagem normanda.

O poderio de Artur na obra é tão grande que ele simbolicamente derrota o soberano francês ao vencer, em combate singular, Frollo, um tribuno romano, governador da Gália, que o havia desafiado (MONMOUTH, 1995, p.217). Os normandos procuram assim tanto agradar à população local, os bretões, ao abraçar um de seus mitos mais caros, como fazer frente à monarquia francesa.

Visando ampliar o caráter da obra, Henrique II (1154-1189), que após o casamento com Leonor da Aquitânia (ex-esposa de Luís VII da França), aumentou ainda mais seus feudos no território francês, mandou logo que ela fosse traduzida em versos para o vernáculo pelo normando Robert Wace, o *Roman de Brut* (1155), a fim de que fosse lida e vista como um modelo em sua corte.

Fica clara na *História dos Reis da Bretanha* a intertextualidade com o texto de Nennius. Observemos estes dois exemplos:

Então Artur juntamente com os reis da Bretanha lutou contra eles (os saxões) naqueles dias, mas Artur mesmo era um comandante militar [“dux bellorum”]. Sua primeira batalha foi na foz do rio que é chamado Glein. [...] A oitava batalha foi na fortaleza de Guinnion, na qual Artur carregou a imagem de Santa Maria sempre virgem sobre seus ombros; e os pagãos foram postos em debandada nesse dia. E sob o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo e sob o poder da sagrada Virgem Maria, sua mãe, houve uma grande mortandade entre eles. [...] A décima segunda batalha foi no Monte Badon no qual caíram em um dia novecentos e sessenta homens de uma investida de Artur e ninguém os golpeou, exceto o próprio Artur, e em todas as batalhas ele saiu como vencedor (NENNIUS, 2001).

Vemos claramente que prevalece a imagem de guerreiro invencível, depois incorporada por Geoffroy de Monmouth, conforme o texto abaixo:

Tirando então sua espada Caliburn, ele proclamou o nome de Santa Maria e, com um movimento rápido, lançou-se contra as fileiras dos inimigos. Todos aqueles com quem se batia, invocando Deus, morriam ao primeiro golpe de espada. Ele não suspendeu seu ataque até ter matado quatrocentos e setenta soldados com sua única arma Caliburn. (MONMOUTH, 1995, p. 215)

O monarca bretão portava elementos pagãos e cristãos: uma espada (Caliburn) forjada no Outro Mundo, e seu escudo Pridwen, a quem sempre apelava nas batalhas, o qual continha a imagem da Virgem Maria, tal como havia sido indicado por Nennius.

A morte de Artur ocorre devido à traição de seu sobrinho Mordred, que usurpa o trono quando o tio empreendia a conquista de Roma. Até então invencível, Artur é mortalmente ferido na luta contra o sobrinho, sendo levado à Ilha de Avalon para curar seus ferimentos. A obra de Geoffroy não diz, no entanto, se Artur algum dia retornará, como afirmavam as velhas crenças.

A conquista dos bretões é vista no livro de Geoffroy como um castigo divino. Com o domínio saxão, uma série de calamidades se abate sobre o país, como a peste e a fome. O último rei bretão, Cadwallader, refugia-se na Armórica, e recebe de um anjo um aviso para se dirigir ao papa de Roma, onde morre. A ressurreição dos bretões é prometida para um dia no futuro, graças à fé cristã (MONMOUTH, 1995, p. 259-285).

Não por acaso, o final da obra de Geoffroy é ambíguo: não sabemos se, após a luta contra o sobrinho usurpador do trono, Mordred, e depois do ferimento mortal, Artur retornará um dia para salvar os bretões ou não. Curiosamente, em 1195, sob o patrocínio de Plantagenta, que morreu pouco antes do evento, é forjada na Abadia de Glanstonbury a descoberta dos túmulos de Artur e Guenever. Os novos dominadores querem provar aos bretões que Artur não voltará mais e que eles governarão a ilha indefinidamente.

É importante observar que o mito arturiano serviu aos interesses de vários grupos durante o período medieval. A partir do século XIII, com a centralização régia na maior parte da Europa Ocidental, era interessante para os monarcas a valorização dada aos nobres nas obras arturianas. Gradativamente, a partir dos romances em verso de Chrétien de Troyes, esses monarcas passam a ter mais importância do que o rei Artur, que se torna um personagem secundário, e a busca de aventuras nas quais os nobres podem mostrar o seu heroísmo passa a ser mais valorizada.

Essas obras difundiram a idéia da cortesia, isto é, a aplicação de um código específico de comportamento entre os membros da nobreza, surgido inicialmente nas cortes feudais. As qualidades cortesãs eram a lealdade, a fidelidade, a bondade, a doçura, a alegria, a largueza, a glória e o renome. Pressupunham a riqueza e desprezavam a avareza e o lucro (DUPIN, 1931).

Nessas narrativas, o rei estava submetido à sua corte, que era apresentada como a instituição social mais importante. Assim, os nobres encontraram uma imagem que desejavam impor à sociedade: a cavalaria como principal instituição social, apresentada como mais forte que a monarquia. Foi essa a resposta da nobreza, no campo das idéias, à possível perda dos seus privilégios, pois, na prática, a realidade era outra: o rei se fortalecia e novas forças sociais, como os mercadores e banqueiros, entravam em cena e ganhavam prestígio econômico (MARTIN, 1996, p. 300). Por isso, os romances preocupavam-se em demarcar as qualidades cortesãs em oposição às dos vilões, isto é, às de todos aqueles que não pertencessem à classe da nobreza. Os vilões eram apresentados como rudes, ridículos, covardes e mal-educados. O léxico das virtudes, por exemplo, era totalmente afastado do mundo camponês. A palavra *ber* (barão) podia significar nobre ou valente, e *vassal* (vassalo), também corajoso e valente (MARTIN, 1996, p. 321).

Na prática, porém, a divulgação dos ideais de cavalaria através das obras arturianas contribuíram para o fortalecimento da figura régia. O monarca passou a apresentar-se como chefe da nobreza por ser o mais perfeito entre os seus cavaleiros, portador de qualidades como a força, a temperança e a justiça.

No entanto as obras arturianas não serviram apenas para fortalecer a monarquia e a coesão entre os nobres. A Igreja Católica foi gradativamente cristianizando a narrativa arturiana, principalmente no romance *A Demanda do Santo Graal*, obra do século XIII, cujo principal objetivo era a busca do Graal (o cálice da Última Ceia de Cristo, que continha o sangue escorrido da cruz) pelo cavaleiro puro, virgem e sem pecados Galaaz. Mesmo nessa narrativa em que a posição de Artur é secundária e ele é apresentado até mesmo como um rei pecador, suas qualidades, quando mencionadas, ainda evocam o guerreiro de Nennius, como podemos ver abaixo:

Quando el-rei viu seus homens em tal coita suspirou por os da mesa Redonda e feriu o cavalo das esporas e foi-os ferir com grã sanha e com grã desejo de vingar seus homens que vinha ante si matar. E topou com um parente do rei Mars e deu-lhe tal lançada que o meteu morto a seus pés. Os brados foram grandes, caos da Cornualha conheceram que aquêle era rei Artur e leixaram-se ir a ele mais de vinte. E êle meteu mão aa espada, que era boa e bem talhador, e el era muito arrizado e muito ardido e defendia-se tam bem e tam ardidamente que bem diziam quantos o viam que aquêle era rei Artur e seus inimigos também o louvavam e preçavam muito, tanto o viam bem defender-se. Muito fezera de armas rei Artur aquêle dia, pero que lhe ia mal, ca seus homens eram poucos, que nom pareciam entre os outros (MAGNE, 1970, p. 215).

Podemos inclusive ver em Portugal o forte papel da narrativa arturiana, que chegou ao reino por escrito, em meados do século XIII, trazida por Afonso III, rei que depôs o irmão e que utilizou os fundamentos da literatura arturiana para se fortalecer (ZIERER, 1999). Outras obras que circularam nesse reino mostravam o caráter guerreiro de Artur, como, por exemplo, o *Libro de las Generaciones*, crônica navarra de 1260/1270, que influenciou a descrição de Artur em outra obra de caráter nobiliárquico, o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (1340). Nessas duas obras há um resumo sobre Artur como rei, com traços de guerreiro invencível ao matar dois dragões e vencer o imperador romano.

Como vimos, a difusão do mito arturiano na Europa Ocidental, que se iniciou nas obras latinas com Nennius, auxiliou o fortalecimento dos reis na Baixa Idade Média, por associar Artur a uma imagem de rei perfeito, auxiliando a construção cronística de reis guerreiros e poderosos.

Eis por que Nennius é tão importante. Se Artur um dia se transformou num rei e essa imagem circulou por toda a Europa Ocidental nos textos escritos posteriormente, foi graças à *Historia Brittonum*.

BIBLIOGRAFIA

GILDAS. A destruição da Bretanha em elegia. Tradução de Bruno Oliveira. In: COSTA, Ricardo da (Org.). *Testemunhos da história*. Vitória: EDUFES, 2001. (No prelo)

HISTORIA Brittonum. In: FARAL, Edmond. *La légende arthurienne – textes et documents: les plus anciens textes*. Paris: Honoré Champion, 1929. tomo III.

MABINOGION. (Tradução de José Domingos Morais). Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.

MONMOUTH, G. *Historia Regum Britanniae (Histoire des Rois de Bretagne)*. Traduite et commenté par Laurence Mathey-Maille. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

NENNIUS. *A história dos reis da Bretanha* (Tradução de Adriana Zierer). In: COSTA, Ricardo da (Org.). *Testemunhos da História*. Vitória: EDUFES, 2001. (No prelo)

THE HISTORIA Brittonum of Nennius In: Giles, J.A (Ed.). *Six old english chronicles*. London: Henry G. Bohn, 1848.

FONTES ARTURIANAS EM PORTUGAL

LIBRO de las generaciones. In: MENÉNDEZ Y PIDAL, Diego Catalán (Ed.). *Crónica geñeral de España de 1344*. Madrid: Estudio Histórico, 1977. v. 1.

MAGNE, Augusto (Ed.). *A demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955. v. 1.

MAGNE, Augusto (Ed.). *A demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1970. v. 2.

MATTOSO, José (Org.). *Livro de linhagens do Conde D. Pedro*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1980. 2 v.

BIBLIOGRAFIA

- A INGLATERRA na Alta Idade Média. In: ABRAMSON, M.; GUREVITCH, A.; KOLENSKI, N. *História da Idade Média: a alta Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978. p. 176-190.
- BRUNEL, P. (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- DUBY, G. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- DUPIN, H. *La courtoisie au Moyen Age: d'après les textes du XII^{ème} et du XIII^{ème} siècles*. Paris: A. Picard, 1931.
- FARAL, E. *La légende arthurienne: textes et documents*. Paris: Honoré Champion, 1929. Tomo I.
- FURTADO, A. *Artur e Alexandre: crônica de dois reis*. São Paulo: Ática, 1995.
- GUREVITCH, A. *As categorias da cultura medieval*. Lisboa: Caminho, 1990.
- LOYN, H. (Org.). *Dicionário de Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- MARKALE, J. *Le roi Arthur et la société celtique*. Paris: Payot, 1985.
- MARTIN, H. *Mentalités médiévales: XI - XV siècle*. Paris: PUF, 1996.
- SÉCHELLES, D. de. L'évolution et la transformation du mythe arthurien dans le thème du Graal. In: *Romania*. T. LXXVIII, 1957.
- VAUCHEZ, A. (Dir.). *Dictionnaire encyclopédique du Moyen Âge*. Paris: Éditions du Cerf, 1997. 2 v.
- ZIERER, A. M. S. *O modelo arturiano em Portugal: a imagem do rei-guerreiro na construção cronística de Sancho II e Afonso III*. 1999. Dissertação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.